



Ruy Castro

Carnaval no fogo



Crônica
de uma cidade
excitante
demais

COORDENADOR DA COLEÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

ÍNDICE

Este livro foi originalmente publicado no Brasil em 2003.

© 2016, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Copyright © 2003, Ruy Castro
Carnaval no Fogo foi, originalmente, título de uma comédia dos Estúdios Atlântida, de 1949, dirigida por Watson Macedo, com Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte e Eliana.

Título: *Carnaval no Fogo*.
Crónica de uma cidade excitante demais.
Autor: Ruy Castro
Prefácio: Carlos Vaz Marques
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2017

ISBN 978-989-671-336-2
Depósito Legal n.º 414158/16

Prefácio, *por Carlos Vaz Marques* 7

Prólogo	13
Capítulo Um	17
Capítulo Dois	69
Capítulo Três	117
Capítulo Quatro	157
Capítulo Cinco	209
<i>Nota biográfica</i>	239

PREFÁCIO

No prefácio a um livro sobre o Rio de Janeiro, capital sentimental da celebrizada pátria em chuteiras, só um árbitro mal-intencionado apitará *off-side* a uma analogia futebolística para começo de conversa. O caso é este: quem já ouviu relatos de futebol pela rádio sabe que é frequente a narração conseguir ser mais entusiasmante do que a própria partida. É muito provável que o mesmo efeito possa produzir-se durante a leitura deste livro. O Rio de Ruy Castro, driblando com perícia qualquer sombra de monotonia, e tendo como craque o sentido de humor, «é uma das cidades mais excitantes do mundo — talvez um pouco excitante demais».

Desde que os tupinambás deixaram de ter sossego na Baía da Guanabara, aquela «faixa de terra entrincheirada entre cadeias de montanhas e um litoral com quase oitenta quilômetros de praias» foi sendo sucessivamente retratada como paraíso terreal ou como sucursal do inferno. Não será nem uma coisa nem outra. Talvez seja mais verdadeira a síntese de «Rio 40 graus», a canção de Fernanda Abreu que

se tornou uma espécie de hino oficioso da cidade que tem oficialmente o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro: «Cidade maravilha / Purgatório da beleza / E do caos».

Para se entender o Rio é necessário um bom jogo de cintura. Provavelmente, o mesmo jogo de cintura que Ruy Castro atribui aos cariocas, que descreve como estando desde sempre acostumados a perceber «quando o perigo era para valer ou não».

Quem olha o Rio de Janeiro de longe enfrenta um perigo duplo. Por um lado, o de reduzir a imagem da cidade ao que ela tem de mais ameaçador: a pobreza, a insegurança e a violência. Na outra face da moeda está o bilhete-postal e o perigo de um olhar deslumbrado, edulcorando misérias e glamorizando a desgraça.

O escritor austríaco Stefan Zweig, que se refugiou no Rio para fugir ao nazismo na Europa e para se suicidar, deixou-nos um bom exemplo desse deslumbramento no livro *Brasil, País do Futuro*, temendo inclusive o desaparecimento dos famosos bairros de lata da Cidade Maravilhosa. «Alguas das coisas singulares, que tornam o Rio tão colorido e pitoresco, já se acham ameaçadas de desaparecer. Sobretudo as ‘favelas’, as zonas pobres em plena cidade. Será que ainda as veremos daqui a alguns anos? [...] As ‘favelas’ apresentam um colorido especial no meio dessa figura caleidoscópica, e ao menos uma dessas estrelinhas do mosaico deveria ser conservada no quadro da cidade, porque elas representam um fragmento da natureza humana primitiva no meio da civilização.» Por enquanto, a profecia de Stefan Zweig con-

tinua por cumprir: o «colorido e pitoresco» mantém-se disponível e fotogénico nos morros do Rio de Janeiro.

A deambulação de que Ruy Castro é cicerone neste livro — por entre uma surpreendente acumulação de factos e *petites histoires* — é simultaneamente uma viagem no espaço e uma viagem no tempo, o que faz jus à ideia do autor de que «no Rio, os veículos ideais são os pés — pelo asfalto ou pela areia — e a literatura».

Nunca agradeceremos suficientemente a Mem de Sá e a Estácio de Sá, tio e sobrinho, o facto de terem expulsado os franceses do Rio de Janeiro, permitindo-nos partilhar uma língua em que frequentemente nos desentendemos mas que nos faz sentir como nossos a prosa de Machado de Assis, os versos de Drummond e as canções de Chico Buarque. Ainda que Ruy Castro lamente a língua em que lhes calhou exprimirem-se: «pena que escrevam com tinta secreta, digo, em português.»

Escrito em francês, este livro não teria com certeza a mesma graça. E uma cidade a que tivéssemos de chamar Rivière de Janvier também não.

Carlos Vaz Marques

Às ruas Paissandu e Barão do Flamengo

PRÓLOGO

Na última semana de fevereiro de 2003, bandidos ligados ao narcotráfico desencadearam uma onda de violência no Rio. Quadrilhas incendiaram ônibus nos subúrbios, trocaram tiros com a polícia nos morros e protagonizaram perseguições de cinema nas vias expressas. A cidade ficou apreensiva. O Carnaval estava às portas e o Rio esperava centenas de milhares de turistas. Os hotéis registravam uma taxa recorde de reservas, a meteorologia prometia para os cinco dias um sol de derreter catedrais e o carioca já entregara sua alma à Brahma — a cerveja, não o deus. Na imprescindível tarefa de esquentar os couros, blocos carnavalescos começavam a sair às ruas, embora, pelo calendário, aqueles ainda fossem dias de trabalho.

Na segunda-feira anterior à festa, em represália ao endurecimento da prisão de seu chefe, pivetes em motocicletas tentaram forçar os comerciantes de certos bairros a fechar as lojas. Cinco meses antes, em setembro de 2002, já tinham feito isso, com sucesso. Mas, dessa vez, a cidade adotou o mote de Hemingway quando ele se via ameaçado

pelos elefantes: a elegância sob pressão. Nem todos os comerciantes obedeceram à ordem dos bandidos. E aconteceram outras formas bem cariocas de resistência.

Em Ipanema, ao mesmo tempo em que dois pivetes mais atrevidos queriam obrigar um supermercado a baixar as portas, o bloco carnavalesco Vem Ni Mim Que Sou Facinha, a quinze metros de distância, preparava-se para dar início aos trabalhos em seu reduto, a pracinha sem nome em frente ao botequim Zig-Zag, perto da praça General Osório. Eles não iriam deixar que nada perturbasse o seu Carnaval. Um dos participantes estendia uma faixa conclamando a massa; outro cuidava do equipamento de som; um terceiro encarregava-se da venda das camisetas com o logotipo do bloco; e outro cuidava de uma fase crucial da operação: cravar latas de cerveja nos enormes isopores cheios de gelo. Tudo pronto, Tereza, a porta-bandeira do Facinha, deu dois passos à frente com seu estandarte. Soaram os tamborins e centenas de pessoas atacaram o samba feito pelos compositores do bloco para este ano. Ao ouvir a música, cuja letra falava em alegria e alto-astral, é possível que, para muitos comerciantes do quarteirão, a vida tivesse voltado ao normal — e, se eles se haviam rendido à pressão dos bandidos, voltaram atrás e abriram as portas. Os pivetes foram embora. O bloco dançou e pulou noite adentro. O Carnaval, como sempre, restabelecera a moralidade.

Foi perfeito. Nos cinco dias do Carnaval propriamente dito, cerca de duzentos blocos e bandas desfilaram pelas ruas do Rio, arrastando mais de 1 milhão de pessoas. No

Sambódromo, as escolas de samba se apresentaram com uma euforia e extravagância como há muito não se via. Em todas as zonas da cidade, mesmo as tradicionalmente conflagradas, os bailes em praças públicas empolgaram multidões até à madrugada. E por pouco a cidade não se afogou em feijoada — nunca houve tantas, nos restaurantes e nos hotéis. A folia e a felicidade abafaram as manchetes que insistiam em falar de violência e medo. A presença do Exército garantiu que cada carioca tivesse direito ao Carnaval.

O Rio recebeu naqueles dias 400 mil turistas — que, ouvidos pelos institutos de pesquisa sobre o quesito violência, disseram não ter percebido nada de mais. Distribuídos pelos desfiles, bailes, festas e rega-bofes, eles brincaram a valer, desnudaram-se como os nativos, beijaram-se aos milhões, fizeram amor, riram e se apaixonaram, e finalmente entenderam o que era o Carnaval do Rio. Muito depois da Quarta-Feira de Cinzas, a maioria ainda continuava por aqui. Eles nunca tinham visto coisa igual.

Mesmo para o carioca, que há séculos oferece e estrela esse espetáculo, o Carnaval de 2003 foi de tirar o chapéu. Um Carnaval no fogo — mas isso não chegou a ser novidade. É o que o Rio tem vivido ao longo de sua história — e não apenas em fevereiro.

CAPÍTULO UM

Há dois ou três dezembros, Marize Araújo, publicitária brasileira morando em Lisboa, veio passar as festas de fim de ano no Rio. Nossa amiga comum, a arquiteta Ana Luiza Pinheiro, foi buscá-la no aeroporto do Galeão. Marize é carioca e detinha um raro recorde entre cariocas expatriados: não vinha ao Rio havia três anos. O vôo fora diurno e já era noite quando o avião pousou. Meia hora depois, no carro, cacarejando alegremente com Ana Luiza a caminho de Ipanema, ela nem imaginava que, dali a pouco, teria a maior recepção de sua vida — ou que qualquer carioca poderia ter ao chegar à cidade.

O carro atravessou as duas bocas do túnel Rebouças e, no exato instante em que a visão da lagoa Rodrigo de Freitas se abriu à sua frente, fogos voaram em direção ao céu, despejando-se em cores sobre o espelho d'água. Marize levou um susto. Só isso já seria o máximo para celebrar uma chegada, mas, se o programador daquela pirotecnia fosse o demônio equipado com uma bateria de computadores, o resultado não teria sido mais infernal. Simultaneamente aos

NOTA BIOGRÁFICA

Ruy Castro nasceu em Minas Gerais, no Brasil, em 1948. Jornalista, biógrafo e escritor, começou como repórter, no Rio de Janeiro, em 1967 e passou por todos os grandes órgãos da imprensa carioca e paulistana. A partir de 1990, passou a dedicar-se em exclusivo aos livros. É autor das aclamadas biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues, de livros de reconstituição histórica, ficção, humor e ensaios, e, mais recentemente, de *A Noite do Meu Bem: A História e as Histórias do Samba-Canção*. O clássico *Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova*, de 1990, foi publicado pela primeira vez em Portugal pela Tinta-da-china em 2016. Autor multipremiado, os livros de Ruy Castro estão traduzidos e publicados em vários países: EUA, Inglaterra, Alemanha, Japão, Espanha, Itália, Polónia, Rússia e Turquia. É cidadão benemérito do Rio de Janeiro.

